

o ensino de gramática, filosofia e poética no humanismo renascentista francês e português: a *schola aquitanica* (1583)

the teaching of grammar, philosophy and poetics in french and portuguese renaissance humanism: the *schola aquitanica* (1583)

leonardo ferreira kaltner¹

resumo

O artigo tem como tema a corrente de pensamento do humanismo renascentista, que se desenvolveu nos séculos XV e XVI no contexto europeu, pautada nos *studia humanitatis*. Analisamos a recepção do humanismo renascentista no plano de estudos do Colégio de Guiena, na França do século XVI, uma importante instituição renascentista para a formação de humanistas, que teve como reitor o humanista português André de Gouveia (1497 – 1548), o fundador do Colégio das Artes de Coimbra, em que estudou José de Anchieta (1534 – 1597). Esse contexto de recepção do humanismo renascentista na França quincentista está registrado no documento *Docendi Ratio in Ludo Burdigalensi* (Ordem do ensino no Colégio de Bordeaux), escrito pelo humanista francês Élie Vinet (1509 – 1587), e publicado em 1583. Analisaremos como o ensino de filosofia e de poesia era apresentado na época, e como constituía uma percepção estética humanística da Renascença pautada na Antiguidade clássica.

palavras-chave

Humanismo renascentista; Aristóteles; Poética clássica; Estudos de Recepção.

abstract

The article deals with the current of thought of Renaissance humanism, which developed in the 15th and 16th centuries in the European context, based on the *studia humanitatis*. We analyze the reception of Renaissance humanism in the curriculum of the College of Guienne in 16th-century France, an important Renaissance institution for the formation of humanists, whose rector was the Portuguese humanist André de Gouveia (1497 – 1548), the founder of the College of Arts in Coimbra, in which studied José de Anchieta (1534 – 1597). This context of the reception of Renaissance humanism in 16th-century France is documented in the document "Docendi Ratio in Ludo Burdigalensi" (Teaching Order in the College of Bordeaux), written by the French humanist Élie Vinet (1509 – 1587) and published in 1583. We will analyze how the teaching of philosophy and poetry was presented at the time, and how it constituted a humanistic aesthetic perception of the Renaissance based on classical antiquity.

keywords

Renaissance humanism; Aristotle; classical poetics; Reception Studies.

¹ Professor Associado de Língua e Literatura Latinas e docente do PPG em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: leonardokaltner@id.uff.br

A SCHOLA AQUITANICA E O HUMANISMO DO MODUS PARISIENSIS

O presente artigo vincula-se ao projeto de pesquisa *Estudos anchietanos no século XXI e a Década Internacional das Línguas Indígenas (UNESCO, 2022-2032): interfaces entre a política e a historiografia linguística*, desenvolvido no PPG em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense, no contexto do grupo de pesquisas “Filologia, línguas clássicas e línguas formadoras da cultura nacional” (FILIC/CNPq/UFF). O tema do projeto é a história do pensamento linguístico no Brasil, a partir do conceito de “pensamento linguístico” (*linguistic thought*) teorizado por Konrad Koerner² e por Pierre Swiggers³, que são as bases teóricas da disciplina de Historiografia da Linguística (HL) do referido PPG. No projeto, busca-se investigar como o humanismo renascentista, a corrente de pensamento predominante entre os missionários jesuítas no Brasil do século XVI, influenciou na “gramatização”⁴ das línguas indígenas do período colonial no Brasil, por um padrão gramatical humanístico greco-latino e por influência da filosofia aristotélica. Ao mesmo tempo, no projeto são debatidas questões culturais de contextualização do pensamento humanístico nesse recorte histórico, como as obras poéticas de José de Anchieta (1534 – 1597), que são analisadas e debatidas com aparato contemporâneo, como a encíclica *Laudato Si’ – sobre o cuidado da Casa Comum*⁵, em que um humanismo integral, e não antropocêntrico, é discutido, como desenvolvimento contemporâneo do humanismo renascentista.

A fim de compreender essa realidade material e histórica, o Brasil do século XVI, e o pensamento humanístico que caracterizou esse contexto específico, sobretudo em relação às instituições educacionais dos missionários europeus que atuaram na educação indígena e de colonos, buscamos as fontes que inspiraram esse primeiro momento de institucionalização da educação no período colonial. Essas reflexões de natureza teórica derivam do princípio koerniano de “contextualização”⁶ da Historiografia Linguística, que nos levou a buscar as fontes europeias mais influentes em Portugal para a constituição das primeiras instituições educacionais dos jesuítas na colônia. A educação humanística de então era pautada no ensino das “*humanitates*” (humanidades), ou “*litterae humanae*” (letras humanas)⁷ em um padrão de educação linguística, poética e filosófica que diferia do padrão de pensamento medieval diretamente anterior: a escolástica, fundamentada na teologia especulativa. Como bem descreveu Gabriel Codina Mir, em sua tese de doutoramento na Universidade de Paris Sorbonne, intitulada *Aux source de la pédagogie des jésuites: Le “modus parisiensis”* (Sobre a fonte da pedagogia dos jesuítas: o modo de

² KOERNER, Konrad E. F. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Trad. Cristina Altman et al. Braga: Estúdio de Artes Gráficas, Braga, 2014. O tema da história do pensamento linguístico aborda de forma interdisciplinar questões relativas aos Estudos de Linguagem e à Filosofia, sobretudo em relação à própria natureza de uma história do pensamento, debate teórico encetado por Konrad Koerner ao longo das últimas décadas. Em uma fase dita pré-científica, a história das Ciências da Linguagem confunde-se com a história da Filosofia, e mesmo da teologia, como no caso da Idade Média e do Renascimento.

³ SWIGGERS, Pierre. Historiografia da Linguística: princípios, perspectivas e problemas. In: BATISTA, Ronaldo et al. *Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019, p. 45-80.

⁴ AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. – 3ª ed. – Campinas: Editora da Unicamp, 2014. A “gramatização” foi um processo em que diversas línguas modernas europeias passaram por uma revolução tecnológica, passando a ter um sistema de escrito padronizado por gramáticas e dicionários, essa revolução ocorreu no contexto do Renascimento, pela atuação dos humanistas e caracterizou uma ruptura com o pensamento linguístico medieval.

⁵ FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si*. São Paulo: Editora Paulinas, 2015.

⁶ KOERNER, Konrad E. F. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Trad. Cristina Altman et al. Braga: Estúdio de Artes Gráficas, Braga, 2014.

⁷ MIR, Gabriel Codina. *Aux source de la pédagogie des jésuites: Le “modus parisiensis”*. Roma: Institutum Historicum S. I., 1968.

Paris)⁸, o humanismo renascentista foi uma das bases epistemológicas da educação jesuítica. Na busca de fontes sobre o desenvolvimento do humanismo renascentista em Portugal, antes da *Ratio Studiorum*, de 1599, encontramos um documento singular que é o registro de um plano de estudos que influenciou indiretamente nos jesuítas das primeiras missões estabelecidas no Brasil, a *Schola Aquitanica*⁹, de 1583, tema a ser analisado a seguir.

O ensino da Filosofia grega antiga e da Poética da Antiguidade clássica foi um dos temas da educação no modelo de ensino do humanismo renascentista europeu. Ainda que o “*Umanesimo*” (Humanismo) tenha surgido do pensamento de Petrarca (1304 – 1374), no contexto itálico do século XIV, sobretudo por influência da redescoberta do discurso ciceroniano *Pro Archia poeta oratio* (Discurso em defesa do poeta Árquias)¹⁰, muito rapidamente o movimento humanístico teve a adesão de intelectuais europeus de diversos contextos, pelo processo de gramatização das línguas europeias¹¹, o que acarretou o início do emprego das línguas vernaculares, ou “*linguae vulgares*”, para as práticas letradas humanísticas, com o uso instrumental da poética, da gramática, da oratória e da filosofia na educação de crianças e jovens. Sua difusão, como corrente de pensamento, se deu nos séculos XV e XVI, tendo saído do contexto itálico e reverberado na França, em Portugal, e até mesmo no Brasil pela recepção de ideias e modos de ensino, que será o tema central de nosso artigo. Indiretamente, o humanismo renascentista português influenciou na educação jesuítica no Brasil do século XVI, tendo em vista que missionários jesuítas como Manuel da Nóbrega (1517 – 1570) e Anchieta haviam passado por Coimbra, principal reduto de humanistas em Portugal nesse período histórico, antes de chegarem ao Brasil.

A influência de Erasmo, de Roterdã (1466 – 1536) no desenvolvimento de um humanismo renascentista cristão, no contexto quinhentista holandês e francês, que buscava o equilíbrio entre a tradição clássica e a tradição religiosa, foi patente na expansão do movimento humanístico pela Europa como um todo, o que influenciou na criação de um modelo de “*schola privata*” (educação particular) reformada, isto é, em um sistema de educação de tendências seculares, voltado aos interesses sociais dos alunos envolvidos no processo, com um currículo mais flexível e individualizado, o que foi uma inovação à sua época, em que predominavam ainda sistemas de ensino medievais mais rígidos, pautados na escolástica e nas Artes Liberais, do *trivium* e do *quadrivium*. O modelo educacional de preceptoria dos humanistas mostrou-se mais eficiente, sobretudo para a burguesia comercial mercantil, por sua didática centrada no aluno e em competências linguísticas comunicativas, do que o sistema de escolástica medieval, o que levou a reformas educacionais em colégios que teriam passado a empregar os métodos dos humanistas para o ensino de línguas, de Filosofia e Artes. Essa reforma educacional desenvolveu-se a partir da criação do *Collegium trilingue*, em 1517 em Lovaina¹².

⁸ *Idem*.

⁹ NAVARRO, Eduardo de Almeida. O ensino da gramática latina, grega e hebraica no Colégio das Artes de Coimbra no tempo de Anchieta. In: PINHO, Sebastião Tavares de et al. *Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra – Colégio das Artes da Universidade (1548– 1998)*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2000. p. 385-406.

¹⁰ CÍCERO. *Em defesa do poeta Árquias*. Introdução, tradução e notas de Maria Isabel Gonçalves. 2ª ed. Lisboa: Inquérito, 1986. Na peça de oratória de Cícero, há a defesa de seu preceptor, o poeta grego Árquias, que buscava obter a cidadania romana. Cícero ao descrever como o seu preceptor o educou desde a infância, acabou por influir no pensamento de Petrarca, e em seu círculo acadêmico, ao ponto de se retomar a figura do preceptor na corrente de pensamento humanística.

¹¹ Cf. AUROUX, Sylvain. A revolução tecnológica da gramatização. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. – 3ª ed. – Campinas: Editora da Unicamp, 2014. COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. Uma história das ideias linguísticas. Tradução Jacqueline Léon, Marli Quadros Leite. São Paulo: Contexto, 2017.

¹² DIU, Isabelle. Érasme, du langage aux langues: à l'origine de la fondation des collèges trilingues. In: *Fonder les savoirs, fonder les pouvoirs, XVe-XVIIIe siècle*. Paris: Publications de l'École nationale des chartes, 2000. Disponível em: <https://books.openedition.org/enc/1191>.

A educação humanística ainda estava muito vinculada ao estudo da gramática latina, a que se seguia uma educação estética letrada, isto é, o estudo de gêneros poéticos, da epistolografia e da oratória latina que deveriam ser aprendidos para a “*emulatio*” (emulação) e para a “*imitatio*” (imitação) pelos alunos, futuros humanistas. A obra de Cícero (106 – 43 a.C.), portanto, e consequentemente a filosofia estoica, ocupavam um espaço de relevo na educação humanística da Renascença, em detrimento à teologia especulativa, que passaria a se restringir aos estudos superiores. Esse fator temático também diferenciava o humanismo renascentista da escolástica medieval, tendo em vista que a escolástica se apoiava ainda no estudo da lógica especulativa aristotélico-tomista e na gramática dos “*modistae*” (modistas), sobre os “*modi significandi*” (modos de significar)¹³. Nesse contexto de mudança de pensamento, na passagem da Idade Média ao Renascimento, ocorreu, todavia, um profundo embate teórico entre teólogos e humanistas em Portugal com a interferência de inquisidores do Santo Ofício, que acusavam os humanistas que vinham da França de “luteranismo” e de “calvinismo”, por suas tendências secularistas¹⁴. Desse embate teórico se originou, em um momento posterior, um humanismo renascentista cristão, de tendência conciliatória, na formação intelectual dos jesuítas conimbricenses do século XVI.

O desenvolvimento do humanismo renascentista em Portugal derivou de duas influências e experiências diversificadas: do humanismo itálico, em uma primeira fase, entre 1485 e 1548, e do humanismo francês, de cunho erasmiano, de 1548 até o declínio do movimento 1596¹⁵, com posterior ascensão da intelectualidade jesuítica ibérica, pautada na *Ratio Studiorum*, de 1599. O latinista Carlos Tannus descreveu essa influência inicial do reino da França no humanismo renascentista em Portugal, sobretudo pelo fato de que os reis de Portugal enviavam “bolseiros”, ou bolsistas, no século XVI para estudar nas universidades francesas, logo esses bolsistas ao retornarem traziam as inovações do humanismo para a formação intelectual no reino lusitano:

Mas a história do humanismo português está ligada, também às Universidades de Lovaina, Toulouse e Paris. Estas últimas concentraram – sobretudo a de Paris – a maior parte dos escolares bolseiros dos reis D. Manuel e D. João III e daqueles que pertenciam a alguma ordem religiosa e eram por ela mantidos, conforme facilmente se vê nas relações dos estudos de Paris e Toulouse. Em Lovaina, dominada pelas figuras de Erasmo e Luís Vives, o grande humanista espanhol, estudaram alunos que viriam a ter, mais tarde, importante papel na história do humanismo português, nomeadamente Frei Diogo de Murça, futuro reitor da Universidade de Coimbra, de 1543 a 1555; Frei Brás de Braga, prior do Mosteiro e renovador dos estudos em Santa Cruz de Coimbra e, ainda, André de Resende, que, como veremos, foi um dos responsáveis pelo prestígio de Erasmo em Portugal, até que a Inquisição se voltasse contra o humanista.¹⁶

Grande parte desse círculo intelectual português foi formado na Universidade de Paris e no Colégio de Santa Bárbara também na França, que esteve por quase vinte anos sob a administração do teólogo português Diogo de Gouveia (c. 1471 – 1557), o Velho. Diogo de Gouveia era tio do humanista André de Gouveia (1497 – 1548), este que havia sido reitor do Colégio de Guena, a *Schola Aquitanica*, de onde foram descritas as atividades educativas humanísticas do plano de estudos publicado em 1583, que analisaremos.

¹³ BECCARI, Alessandro Jocelito. *Tratado sobre os modos de significar ou Gramática especulativa, de Tomás de Erfurt*. Curitiba: Ed. UFPR, 2019.

¹⁴ TANNUS, Carlos Antônio Kalil. “Um olhar sobre a literatura novilatina em Portugal”: in: Revista Calíope, v. 16, 2007, p. 16-31.

¹⁵ TANNUS, Carlos Antônio Kalil. “Um olhar sobre a literatura novilatina em Portugal”: in: Revista Calíope, v. 16, 2007, p. 16-31.

¹⁶ *Idem*, p. 18.

Esse contexto de recepção do humanismo francês se constituiu, em Portugal, a partir da fundação do Colégio das Artes, em 1548, instituição inicialmente de tendência secular, administrado por humanistas franceses e portugueses vindos de Guiena na França, conhecidos como mestres bordaleses, no período do reinado de D. João III (1502 – 1557). O colégio português havia sido fundado por André de Gouveia, que faleceu no ano de sua fundação, em um cenário político conturbado. Esses humanistas administraram o Colégio das Artes de Coimbra até 1555, quando iniciou uma administração jesuítica, que empregou um modelo educacional próximo ao de Guiena, da *Schola Aquitanica*, até a publicação da *Ratio Studiorum*, de 1599. Para Gabriel Codina Mir, o Colégio das Artes de Coimbra e o Colégio de Guiena eram meras sucursais do Colégio de Santa Bárbara, que serviu de modelo em Portugal¹⁷ aos primeiros jesuítas. Ainda que o “*modus parisiensis*” (modo de Paris) tenha se desenvolvido em diversas instituições francesas, a recepção desse modelo educacional em Portugal se deu graças aos mestres de Bordeaux, que atuaram com André de Gouveia. O clima intelectual da época possibilitou o surgimento de uma série de métodos e de sistemas escolares, registrados em colégios humanísticos por toda a Europa, de forma bem diversificada, o que acompanhou também a expansão colonialista dos reinos europeus à época. Assim, nesse período histórico, houve uma reorganização de currículos e a reordenação de saberes, com a finalidade de administrar os reinos que expandiam seu comércio em atividades mercantis. A experiência didática de André de Gouveia ficou registrada em um desses planos de estudos: o *Docendi Ratio in Ludo Burdigalensi* (Ordem dos estudos no Colégio de Bordeaux), publicado pelo humanista francês Élie Vinet (1509 – 1587), apenas em 1583, décadas após o seu emprego. O documento, porém, ficou mais conhecido na posteridade pelo nome latinizado do Colégio de Guiena: a *Schola Aquitanica*, que empregamos em nosso estudo.

Nas palavras do tupinólogo Eduardo Navarro da Universidade de São Paulo, encontramos também uma descrição da relevância da *Schola Aquitanica* na educação humanística que antecedeu diretamente a ascensão dos jesuítas no reino de Portugal, na primeira metade do século XVI. Navarro cita a importância da gramática latina humanísticas nesse sistema de ensino:

Com a erecção do Colégio das Artes, acentuar-se-ia a influência francesa sobre o ensino em Portugal, que já desde a década de vinte era forte naquele país. O que importa dizer, agora, é que a gramática de Despautério, a mais usada na França e nos Países Baixos em todo o século XVI, chegou a Portugal com os mestres franceses, talvez já com a reforma do Mosteiro de Santa Cruz, na década de trinta, e, certamente com a fundação do Colégio das Artes, conforme fica patente com a leitura do importante documento *Schola Aquitanica*, de André de Gouveia, seu primeiro diretor (na época chamado de “principal”)¹⁸.

O jesuíta José de Anchieta teve uma estadia em Coimbra entre os anos de 1548 e 1553, e muito provavelmente o Colégio das Artes nessa época era organizado em um modelo humanístico como o que é registrado na prática de Gouveia em Bordeaux, como atestam as fontes. Conforme a opinião do pedagogo francês Louis Massebiau (1886), o programa de estudos do Colégio de Guiena teve um impacto positivo no século XVI, na educação pública francesa, em um período diretamente anterior às reformas protestantes e jesuíticas, o que representava um humanismo cristão que não era instrumentalizado pelas correntes de pensamento que teriam sido hegemônicas nos séculos XVI e XVII.

¹⁷ MIR, Gabriel Codina. *Aux source de la pédagogie des jésuites: Le “modus parisiensis”*. Roma: Institutum Historicum S. I., 1968, p. 193.

¹⁸ NAVARRO, Eduardo de Almeida. O ensino da gramática latina, grega e hebraica no Colégio das Artes de Coimbra no tempo de Anchieta. In: PINHO, Sebastião Tavares de et al. *Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra – Colégio das Artes da Universidade (1548 – 1998)*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2000. p. 396.

Mesmo no século XIX, a *Schola Aquitanica* ainda influenciava pedagogos franceses que debatiam a instrução pública:

*Tout le monde sait que le programme du collège de Guyenne fait partie d'un des plus brillants épisodes du développement des études en France au XVI^e siècle. Par son étendue, par les détails curieux dont il est plein, par la rareté de ce genre de documents avant les réformes des protestants et des jésuites, par son caractère de transition entre ces réformes et l'usage de l'Université de Paris, ce programme est certainement une des pièces les plus importantes pour l'histoire de l'instruction publique dans notre pays.*¹⁹

(Todos sabem que o programa do colégio de Guiena fez parte de um dos mais brilhantes episódios no desenvolvimento de estudos na França no século XVI. Por sua extensão, pela riqueza de detalhes, de que está repleto, pela raridade deste tipo de documento, antes das reformas dos protestantes e dos jesuítas, por seu caráter de transição entre estas reformas e os costumes da Universidade de Paris, esse programa é certamente uma das peças mais importantes para a história da instrução pública em nosso país).

Dado que o sistema de ensino da *Schola Aquitanica* ficou conhecido em Portugal à época do reinado de D. João III como a principal fonte do “*modus parisiensis*”, desde a fundação do Colégio das Artes de Coimbra, em 1548, é patente a sua influência no pensamento jesuítico das primeiras décadas em Portugal. Isto é, a *Schola Aquitanica* apresentava um modo específico de educação humanística francesa, que diferia do modo itálico, por exemplo, já conhecido há décadas no reino luso²⁰, e foi recebido como um método reformista, inicialmente com grande entusiasmo, até o embate teórico com os inquisidores, cujo tribunal havia sido instalado em 1536, doze anos antes. O modo itálico fora introduzido na corte de D. João II (1455 – 1495), pelo humanista Cataldo Parisio Sículo (1455 – 1517), que chegou à Lisboa em 1485, consistindo em aulas individuais por preceptores, em que as crianças, sobretudo da nobreza, aprendiam os “*studia humanitatis*” (estudos de humanidades) ciceronianos diretamente com os humanistas, desde a infância, como pressupunha Quintiliano (35 – 95), em suas *Institutiones Oratoriae* (Instituições de Oratória). Como era uma educação voltada à formação dos príncipes e dos nobres, muitas vezes os preceptores eram exclusivos para a formação individual de uma só criança. O espaço educacional inicial era como um “*scriptorium*” (escritório) medieval, geralmente em palácios, com uma pequena biblioteca e afastado do contato com o público. Apenas ao final do processo de ensino, os humanistas apresentavam seus alunos como oradores que discursavam para a corte em latim publicamente, em eventos solenes.

O material didático empregado era diversificado, mas havia uma grande influência no uso das obras de humanistas itálicos, nessa primeira fase, como as obras de Niccolò Perotti (1429 – 1480), sobretudo os *Rudimenta Grammatices* (Rudimentos de gramática), de 1475, o que afastava o latim dos humanistas daquele que era empregado pelos teólogos. Outro autor com bastante prestígio nesse círculo intelectual de humanistas itálicos era Lorenzo Valla (1407 – 1457), autor das *Elegantiae linguae latinae* (Elegância da Língua Latina), de 1444, um manual sobre a escrita em língua latina que preconizava a imitação dos autores latinos, sobretudo Cícero, em detrimento ao emprego do latim medieval da tradição escolástica, considerado como “*barbarus*” (bárbaro), de modo pejorativo pelos humanistas. Ainda que o modo itálico apresentasse a organização de métodos de ensino e

¹⁹ Cf. MASSEBIEAU, Louis. *Schola Aquitanica: programme d'études du Collège de Guyenne au XVI^e siècle*. Paris: Delagrave, 1886, p.V.

²⁰ MIR, Gabriel Codina. *Aux source de la pédagogie des jésuites: Le “modus parisiensis”*. Roma: Institutum Historicum S. I., 1968.

de um processo de ensino, não havia a percepção de uma organização da educação a partir de um cronograma e de um currículo, o que fazia variar de aluno para aluno o tempo de aprendizado dos “*studia humanitatis*”, de Cícero, e o acesso a textos poéticos e filosóficos em latim e grego. Ao mesmo tempo essa prática valorizava competências individuais, mas nem sempre era um processo de ensino produtivo, causando constrangimento aos preceptores, quando os resultados esperados não eram atingidos, pois dependiam do “*ingenium*” (engenho) do aluno, mais do que do preceptor.

Já o “*modus parisiensis*”, o modo da Paris quinhentista, ordenado como uma “*ratio docendi*” (ordem de ensinar) apresentava o espaço educacional como um “*collegium*” (colégio) de natureza secular com atividades públicas, em que o cronograma escolar era dividido como uma espécie de ano letivo. Havia um prédio específico para cada colégio, dividido em salas, e por sua vez, as salas apresentavam bancos e mesas comuns, para uma classe de alunos²¹. A divisão dos conteúdos humanísticos era seriada, organizada em ciclos anuais, com uma sistematização próxima a que é empregada até os dias de hoje, no que comumente temos como educação escolar. Os alunos eram organizados pela idade, em turmas, e os conteúdos didáticos eram divididos sequencialmente, logo um único preceptor ensinava a diversos alunos. A educação na *Schola Aquitanica* durava cerca de dez a doze anos, e os jovens ingressavam na instituição em média aos seis anos de idade, para aprender a gramática latina, as obras de Cícero, poetas da Antiguidade, e, ao final do curso, a gramática grega elementar com o estudo das obras iniciais de Aristóteles e da retórica grega. Na próxima seção do artigo, veremos as especificidades dessa divisão do tempo e do espaço escolar no Colégio de Guiena.

O modo de Paris permitia que um corpo docente formado por alguns poucos humanistas pudesse atender uma grande quantidade de crianças e jovens, o que popularizava a educação, atendendo sobretudo a uma burguesia ascendente, diferentemente do modo itálico, que prezava a formação individual e aristocrática. Esse modelo de “*schola*” moderna, que reformava a escolástica medieval, foi adotado nas escolas europeias durante o Renascimento, e a *Schola Aquitanica* foi um dos documentos que inspirou essas mudanças no contexto português, inclusive com a proposta de adoção de materiais didáticos derivados do círculo intelectual erasmiano, como as obras gramaticais do humanista Jan Van Spauter (c. 1480 – 1520), latinizado como *Johannes Despauterius*, autor dos *Commentari Grammatici* (Comentários gramaticais). Além de um espaço e um cronograma comuns, a *Schola Aquitanica* preconizava o emprego de um material didático único, o que centralizava o processo educacional. O humanista André de Gouveia adaptou o modelo da prática educacional francesa ao contexto português, tendo trazido consigo o corpo docente de humanistas do Colégio de Guiena para organizar o Colégio das Artes de Coimbra. Nóbrega e Anchieta, em seguida, teriam se inspirado nesse modelo para organizar suas primeiras instituições educacionais, as escolas “de ler e escrever” para meninos indígenas e o Colégio de São Paulo, na capitania de Piratininga em 1554, que estão entre as primeiras instituições educacionais do Brasil.

A DIVISÃO DOS *STUDIA HUMANITATIS* NA *SCHOLA AQUITANICA*

A principal inovação dos humanistas, em relação aos teólogos que lecionavam a escolástica, era a busca por sistematizar racionalmente as instituições e as normas

²¹ MIR, Gabriel Codina. *Aux source de la pédagogie des jésuites: Le “modus parisiensis”*. Roma: Institutum Historicum S. I., 1968.

para um ensino de natureza secular das “*literae humanae*” (letras humanas), ao fundar uma “*ratio docendi*” (ordem de ensinar) pautada na “*humanitas*” (humanidade), isto é, fomentar o desenvolvimento do potencial humano, sem o apoio direto na teologia, cujo ensino ficava a cargo das ordens religiosas e da Igreja. Essa prática foi constituída de forma empírica ao longo dos séculos XV e XVI até a transição reformista dos colégios de ordens religiosas, também conhecidos como colégios de regulares, para a fundação dos colégios seculares, ou Colégios das Artes, como rotulou Gabriel Codina Mir²². Esses colégios que preparavam os jovens para o acesso à universidade quinhentista se constituíram como instituições especializadas em uma das disciplinas do *trivium*: a gramática, e dessa especialidade surgiu um novo perfil intelectual, o humanista, um preceptor da gramática humanística e especialista na obra dos autores greco-latinos, com especial ênfase na oratória e epistolografia de Cícero, tendo em vista que o latim era uma língua muito empregada no século XVI na correspondência entre reinos europeus, e até mesmo na comunicação entre ordens religiosas, como os jesuítas, que atuavam em domínios ultramarinos de Portugal e Espanha.

A divisão do estudos de humanidades da *Schola Aquitanica* privilegiava a gramática latina e o estudo da obra de Cícero, logo o método buscava articular uma coerência sequencial no conteúdo apresentado, de acordo com o desenvolvimento humano, conforme a prática observada na formação de crianças e jovens. Dessa forma, os “*studia humanitatis*” na visão dos humanistas era uma formação linguística, voltada estritamente à língua latina. A sistematização desse ensino pressupunha não só a qualificação dos conteúdos gramaticais da língua latina, mas também uma quantificação do tempo de aprendizado e do espaço escolar, em unidades elementares, com um cronograma específico, para tornar efetivo esse ensino. Vejamos como eram descritas as salas de aula, o espaço educacional:

In hac igitur classe decima ordines sunt et scamna multa, ut scamna scholae nostrae appellant oblonga sedilia, in quibus sedent pueri, primum, secundum, tertium, quartum, quintum.

(Nesta décima classe, portanto, há muitas fileiras e bancos. Nós chamamos de bancos em nosso colégio os assentos longos, em que as crianças se sentam: há a primeira, a segunda, a terceira, a quarta e a quinta fileiras)²³.

Nesta primeira descrição da *Schola Aquitanica*, há um registro da sala de aula da *decima classis* (décima classe), que seria o primeiro ano escolar do programa de estudos. Essa décima classe deveria receber alunos até os seis anos de idade, que seriam alfabetizados em latim, eram os “*alphabetani*” (estudantes do alfabeto). Sentavam-se em longas fileiras de bancos e aprendiam por repetição e memorização os rudimentos da escrita e da leitura em latim. Os textos empregados eram orações cristãs da catequese e salmos bíblicos, que eram estudados sílaba a sílaba, com as declinações nominais e as conjugações verbais do latim, contidas em um livreto intitulado “*Libellus puerulorum*” (Livreto dos menininhos). A educação elementar era pautada também no aprendizado da escrita, com ditados de textos iniciais da doutrina cristã. O processo de ensino era feito por repetição e memorização.

²² MIR, Gabriel Codina. *Aux source de la pédagogie des jésuites: Le “modus parisiensis”*. Roma: Institutum Historicum S. I., 1968.

²³ SANTOS, Melyssa. *Schola aquitanica* (1583): edição bilíngue e comentários à luz da historiografia da linguística. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 107 p. 2021. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/22330>, p. 73.

Da *nona classis* (nona classe) em diante, os estudantes estudavam em grandes salas de aula, como verdadeiros auditórios:

O que quer que tenha sido nos tempos dos gregos e dos latinos o sentido da palavra aula, nós geralmente chamamos assim, em francês, salas. São os grandes cômodos de casas particulares onde se almoça e janta, já nos edifícios públicos, como em nossos colégios, lugares espaçosos onde são feitos os discursos e as disputas públicas. O colégio de Bordeaux tem uma sala igual, muito vasta, que é também atribuída à nona classe. O que nos faz chamar essas crianças de *aulani* (salistas) em vez de *octaviani* (oitavos) ou *novani* (nonos), enquanto os estudantes das outras classes retiram seus nomes, geralmente, de seus números. Nós dizemos *primani* (primários), *secundani* (secundários), *tertiani* (terciários), como se fazia outrora para os soldados de diferentes legiões. Os *aulani* não preenchem toda a sala, eles ocupam apenas uma pequena parte, o que reproduz de algum modo os teatros dos antigos, e comumente se chama como teatro. Nós o construímos para as crianças, em madeira, e de tal modo que, primeiramente contém muitos alunos em um pequeno espaço, pois esta classe sempre foi a mais numerosa. De outro modo, para que o mestre possa assim ver melhor seus alunos e tomar conta de tudo o que eles fazem, em um caminho descoberto, em que é impossível se esconder. Os onze degraus desse teatro apresentam seis fileiras de assentos, que nós chamamos, segundo seu número de ordem, começando pelo mais baixo para subir até o mais alto: o primeiro, o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto e o sexto²⁴.

O espaço escolar seguia a imitação da arquitetura dos teatros greco-latinos, divididos em arquibancadas, de modo que o preceptor pudesse ver e ouvir todos os alunos envolvidos no processo educativo, enquanto estes poderiam interagir diretamente com o preceptor. A relação com o espaço era fundamental para que os alunos formassem uma espécie de assembleia, o que se remetia também à ágora ateniense, ainda que não houvesse se desenvolvido ainda o conceito de democracia no século XVI, em relação à educação. Os humanistas, por outro lado, teriam desenvolvido uma utopia social de certa forma análoga, que era a “*Respublica Litterarum*”, ou “*Respublica Literaria*” (República das Letras), uma prévia, na primeira modernidade, do que viria a ser o desenvolvimento das academias científicas e das universidades contemporâneas, guardadas as especificidades do século XVI.

Além da relação com o espaço escolar, havia também uma relação com o tempo de aprendizado. Os humanistas buscaram criar uma coesão na relação entre o tempo de desenvolvimento humano e os conteúdos selecionados para o ensino sequencial, adequando esse ensino a determinadas idades e etapas de desenvolvimento. Essa sistematização passou a quantificar e qualificar o ensino de humanidades, tendo buscado uniformizar e universalizar conteúdos e saberes, até, por fim, vinculá-los a uma unidade de tempo fixa: o ano escolar. Certamente, o modo de Paris derivou da observação desse processo de ensino humanístico aplicado às crianças e jovens individualmente, em uma primeira fase de observação, até surgir uma generalização na escolarização proposta na *Schola Aquitanica*. Os humanistas como pedagogos observavam o processo de aprendizado no intuito de adaptar constantemente os saberes para o ensino, e assim resgatar a “*humanitas*” ciceroniana.

A quantificação e a divisão do tempo era um instrumento fundamental para a organização do sistema de ensino quinhentista da *Schola Aquitanica*. Assim, além dos

²⁴ SANTOS, Melyssa. *Schola aquitanica* (1583): edição bilingue e comentários à luz da historiografia da linguística. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 107 p. 2021. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/22330>, p. 75-76.

anos, em que se dividiam os conteúdos gramaticais, poéticos e filosóficos, havia a divisão em meses do ano letivo, a divisão em semanas dos meses, a divisão em dias da semana, e por fim, a divisão em turnos dos dias, sendo cada uma das etapas contabilizada. A unidade elementar, a aula, iniciava às oito horas da manhã e ia até as dez horas da manhã, havia um intervalo, em seguida algumas tarefas eram desenvolvidas de meio-dia até a uma hora da tarde. Havia um outro intervalo, e, por fim, o último tempo de aula ia das três horas da tarde até as cinco horas, diariamente, de segunda a sábado. Dias de festividades religiosas e o domingo eram reservados para as práticas religiosas comunitárias, de acordo com o calendário litúrgico católico, que também era seguido, rigorosamente, pela instituição dos humanistas. Note-se que os alunos deveriam diariamente participar de missas antes do ingresso no colégio, tendo em vista que a prática religiosa ainda era uma prática muito comum no contexto quinhentista europeu.

Vejamos a divisão do tempo de aula, no original acompanhado de sua tradução:

Profestis diebus, in hac schola Aquitanica docetur ab hora octava matutina usque ad decimam, et a meridiana ad primam, ac a tertia ad quintam, nisi diebus Martis et Jovis, quibus docetur a tertia ad quartam tantum (SANTOS, 2021, p. 70).

(Nos dias úteis, neste colégio da Aquitânia, há aulas das oito da manhã às dez horas; do meio-dia a uma hora da tarde e das três às cinco da tarde, exceto às terças e quintas-feiras, quando há apenas aulas de três até as quatro horas da tarde, SANTOS, 2021, p. 93).

Note-se que uma rigorosa divisão do tempo para as atividades de ensino já ocorria na escolástica medieval, todavia, essas atividades faziam parte de uma rotina de orações e cânticos, as liturgias das “*horae*” (horas), a que se acresciam leituras de textos teológicos e o seu comentário, no conjunto de práticas conhecido como *Officium Divinum* (Ofício Divino), praticado em determinadas ordens religiosas regulares, isto é, que vivem sob uma “*regula*” (regra). A divisão temporal de conteúdos de ensino das escolas humanísticas não era como as “regras” das ordens religiosas, mas apenas um documento que organizava o plano de estudo que o preceptor humanista deveria aplicar em sua rotina diária. Sua relação com o tempo tinha a finalidade de universalizar o ensino, pois todos os estudantes passavam a estudar no mesmo horário, o mesmo conteúdo, conforme a sua idade, no sistema da *Schola Aquitanica*.

Como a finalidade dos colégios humanísticos do Renascimento era ensinar a gramática humanística latina, qualitativamente, grande parte do currículo era centrado no estudo dessa gramática. A gramática humanística era dividida em quatro partes, seguindo a tradicional divisão da escolástica: a) ortografia, cuja unidade elementar era a letra; b) em prosódia, cuja unidade elementar era a sílaba; c) em etimologia, cuja unidade elementar era a palavra (*dictio*); d) em sintaxe ou construção, cuja unidade elementar era a oração (*oratio*). O aprendizado das letras e das sílabas se dava no primeiro ano do método, enquanto o estudo das palavras estava vinculado ao aprendizado das declinações nominais do latim e da conjugação verbal, que perdurava por cerca de dois anos, já o estudo das orações, sobretudo das partes das orações (*partes orationis*), o que vinculava o estudo da gramática latina aos textos latinos, durava alguns anos.

A disciplinarização da gramática humanística é uma característica da primeira modernidade, como atesta Sylvain Aurox, em sua pesquisa sobre a revolução tecnológica da gramatização, pois além de uma base para a escolarização humanística, estava vinculada à expansão dos reinos europeus pelas navegações quinhentistas no seu aspecto cultural, afinal os humanistas também auxiliaram a expansão das línguas europeias no globo, passando a influenciar culturalmente na “ecologia da comunicação humana”, pela criação

de um padrão moderno de pensamento que se tornaria hegemônico, mesmo além do contexto europeu:

O Renascimento europeu é o ponto de inflexão de um processo que conduz a produzir dicionários e gramáticas e todas as línguas do mundo (e não somente os vernáculos europeus) na base da tradição greco-latina. Esse processo de “gramatização” mudou profundamente a ecologia da comunicação humana e deu ao Ocidente um meio de conhecimento (e dominação) sobre as outras culturas do planeta. Trata-se propriamente de uma revolução tecnológica [...] ²⁵.

A gramática humanística teria passado não só a qualificar os sons das línguas diversas com que teve contato, mas a padronizar os significados culturais dessas línguas, tendo se conformado como uma normatização do pensamento linguístico, como ocorreu com a gramatização de línguas indígenas no Brasil do século XVI, parte desse processo. Quando refletimos sobre o método gramatical empregado na *Schola Aquitanica*, as obras do humanista flamengo Jan van Spauter (c. 1480-1520), mais conhecido pela latinização de seu nome na forma “*Despauterius*”, ou Despautério, vemos que todo o conjunto de sua obra era destinado justamente a normatizar o pensamento linguístico, por uma via única: a língua latina. Toda a educação linguística na *Schola Aquitanica* era desenvolvida em latim, tendo sido bem limitado o emprego da língua francesa, a língua vernácula, apenas para os primeiros níveis de instrução.

As obras gramaticais de Despautério foram publicadas em um compilado intitulado *Commentarii grammatici* (Comentários gramaticais [da língua latina]), em 1537. A sequência de livros é composta por: *Rudimenta* (Rudimentos), *Prima Pars* (Primeira parte), *Syntaxis* (Sintaxe), *Ars versificatoria* (Arte versificatória), *De accentibus* (Sobre os acentos), *De carminum generibus* (Sobre os gêneros poéticos), *De figuris* (Sobre as figuras), *Ars epistolica* (Arte epistolográfica), *Orthographia* (Ortografia) ²⁶. Esses livros refletiam em sequência os conteúdos estudados no Colégio de Guiena, durante cerca de nove anos. A gramática era lida, copiada e memorizada. Inicialmente a gramática de Despautério teria sido editada para um uso individual, com preceptores, mas no Colégio de Guiena foi adaptada para o emprego em uma classe de alunos. Os jesuítas em Portugal inicialmente adotaram métodos latinos ibéricos, como as *Introductiones Latinae* (Introdução ao latim) do humanista Antônio de Nebrija (1441 – 1522), de 1481, mas o “*modus parisiensis*” pressupunha o emprego de Despautério, somente em 1572, o jesuíta português compôs um método próprio para a ordem religiosa, a *De Institutione Grammatica* (A instituição da gramática), de Manuel Álvares (1526 – 1583), uma obra que foi empregada até o século XVIII, e era prescrita na *Ratio Studiorum*.

Pela sequência didática das obras de Despautério, pode-se notar que seus textos traziam todas as competências linguísticas necessárias para a educação humanística, conforme o modelo dos “*studia humanitatis*”, em uma descrição da língua latina de forma pedagógica. Iniciava-se esse ensino por um livro intitulado *Rudimenta*, que ensinava os conceitos básicos da gramática latina, a que se seguia um extenso comentário sobre as formas regulares e irregulares da língua, a *Prima Pars*. Havia, posteriormente, o estudo da “*oratio*” (oração) em língua latina, com as construções oracionais e o emprego dos casos na *Syntaxis*. O modelo de análise oracional da gramática humanística era limitado ao estudo das construções das oito “*partes orationis*” (partes da oração) da língua latina: “*nomen*” (nome), “*pronomem*” (pronome), “*verbum*” (verbo), “*adverbium*” (advérbio),

²⁵ AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. – 3ª ed. – Campinas: Editora da Unicamp, 2014, p. 8-9.

²⁶ DESPAUTERIUS, Johannes. *Commentarii Grammatici*. Paris: Ex Officina Roberti Stephani, 1537.

“*participium*” (particípio), “*coniunctio*” (conjunção), “*praepositio*” (preposição) e “*interiectio*” (interjeição). Por fim, estudava-se a arte de versificar, com o estudo da métrica da poesia latina, seguido do estudo dos acentos para se declamar a poesia, os gêneros poéticos principais, as figuras de linguagem, a arte de escrever cartas, a epistolografia e a ortografia da língua latina. Era, por fim, um método para se empregar o latim como instrumento para a comunicação intercultural e para o seu uso nas cortes europeias da Renascença.

Ao mesmo tempo em que a gramática latina era estudada, havia o estudo gradual dos autores latinos, por seus textos escritos. O primeiro autor latino clássico a ser estudado pela *Schola Aquitanica* era Cícero, a partir de suas *Epistulae Familiares* (Cartas Familiares), principalmente as cartas mais fáceis. Note-se que os textos clássicos não eram estudados com a finalidade de tradução, como estudamos contemporaneamente. Na perspectiva humanística, os textos eram estudados diretamente em latim, os nomes substantivos e adjetivos, assim como os pronomes, eram quase sempre declinados, um a um no texto estudado, assim como os verbos eram conjugados exaustivamente até a memorização. Havia uma “*praelectio*” (preleção), feita geralmente na língua vernácula, no caso o francês, para explicar o conteúdo do texto, que logo em seguida era copiado em latim, por vezes memorizado. Os exercícios de sintaxe constituíam-se de jogos de analogia com a construção de orações em que se variavam os termos da oração, a fim de se compreender as construções sintáticas. Por fim, o exercício principal era a composição em latim, por imitação do autor estudado. Todo o processo de explicação e análise textual era feito diretamente em latim, buscando-se comparar as regras gramaticais com os textos trabalhados pelo preceptor humanista.

Na sequência de aprendizado, após as cartas de Cícero, eram estudados os textos dramáticos de Terêncio e algumas obras iniciais de Ovídio (*Tristia*, *Pontica*, as epístolas), alternando com outras obras de Cícero (cartas a Quinto, a Bruto). Quando esses textos já tivessem sido aprendidos pelos estudantes, o preceptor retomava o estudo de Ovídio (*Fasti*, *Metamorphoses*) e os primeiros textos filosóficos de Cícero (*Partitiones*, textos sobre a oratória). Nos níveis mais avançados sequenciais, era estudada a poética épica de Virgílio (*Aeneis*) e Lucano (*Pharsalia*). Após a poética épica, o programa de estudos alternava-se para os textos latinos em prosa sobre retórica e histórica da Roma antiga: de Suetônio, Cícero e Quintiliano, a que se seguiam os textos históricos e filosóficos de Tito Lívio, Justino e Sêneca. Por fim, eram estudadas as obras poéticas de Pérsio, Juvenal e Horácio.

Após os dez anos de estudo no colégio renascentista francês, prorrogáveis até doze anos, havia um curso de língua grega, que durava cerca de dois anos, em que se dava também o estudo da filosofia grega. Esse curso era avançado e restrito aos estudantes que concluíssem o programa de estudos do ciclo básico anterior. O humanista francês Élie Vinet relatou na *Schola Aquitanica* a educação filosófica em um capítulo à parte da obra, que transcrevemos abaixo. Note-se que essa educação humanística era considerada também uma formação inicial para a carreira teológica, e geralmente o estudo da filosofia estava voltado a esse público que se preparava para a formação em “Cânones”.

Como pudemos notar havia uma formação elementar que tinha grande ênfase na gramática humanística latina e na obra de Cícero, ainda que os poetas latinos também estivessem presentes no currículo. Essa educação ciceroniana, foi característica do humanismo cristão europeu dos séculos XV e XVI, sobretudo após a sistematização do humanismo pelos escritos pedagógicos de Erasmo, de Roterdã, que foi também um amigo próximo do gramático Despautério. A obra gramatical de Despautério representava a visão do humanismo cristão erasmiano, em que a produção textual em latim teria tido grande relevo, sobretudo pela emulação da prosa de Cícero e dos principais poetas latinos.

O ARISTOTELISMO DOS *PHILOSOPHIAE DOCTORES* (DOCTORES EM FILOSOFIA)

Após o ensino da gramática humanística, e do desenvolvimento de um conhecimento aprofundado da língua latina, que seria um instrumento linguístico fundamental para o comércio mercantil na Europa quinhentista, os jovens estudantes da *Schola Aquitanica* tinham acesso a dois anos de curso de gramática da língua grega e uma introdução à filosofia aristotélica. As disciplinas subsequentes à gramática eram ainda inspiradas no modelo do *trivium*, com o ensino de dialética, ou lógica, e da retórica. O aristotelismo que era uma das bases da teologia tomista, e mesmo da escolástica, era retomado pelos estudantes no final do processo de aprendizagem no colégio humanístico. O principal objetivo desse curso de dois anos era o estudo das proposições e dos silogismos pelo método aristotélico, o que seria aplicável posteriormente em diversas situações discursivas. Nesse ponto da educação, os estudantes já faziam debates e aparições públicas, o que garantia o prestígio da escola perante a sociedade.

Os cursos de filosofia abordavam o conjunto de textos que conhecemos atualmente como o *Órganon* aristotélico (*Categorias*, *Interpretação*, *Primeiros analíticos*, *Segundos analíticos*, *Tópicos* e *Refutações sofísticas*)²⁷. No primeiro ano os estudantes eram chamados de “dialéticos”, ou “lógicos”, pois estudavam textos relacionados à dialética, ou à lógica. O texto introdutório a essas questões era a “*Isagoge*”, atribuída ao filósofo Porfírio (ca. 234 – ca. 304/30), texto que antecedia a leitura do *Órganon* aristotélico propriamente dito. Não havia outras leituras concomitantes, exceto um manual didático de apoio, organizado pelo humanista francês Nicolas de Grouchy (1510 – 1572), que foi um dos principais professores de dialética da instituição. Grouchy foi autor da obra *Commentaria in Porphyrij Institutiones, Aristotelis Categorias, & De interpretatio[n]e librum [...]* (Comentários sobre os fundamentos de Porfírio, as *Categorias* de Aristóteles, e o livro sobre a *Interpretação*, [...]), entre outros textos sobre a dialética, sua especialidade. É provável que seus livros sobre dialética derivem diretamente de suas atividades nos colégios humanísticos de Santa Bárbara e de Guena.

O segundo ano de filosofia era dedicado à física aristotélica, em que havia o estudo da *Física* e do tratado sobre o *Céu*, também de Aristóteles. Os estudantes desse segundo ano de filosofia eram chamados de “físicos”, estudavam o mundo natural mais profundamente, com o interesse de desenvolver o conhecimento técnico, necessário sobretudo para as navegações. Nicolas de Grouchy escreveu obras também sobre o tema, que não foram, contudo, citadas por Élie Vinet, mas é bem provável que tenham sido adotadas no cotidiano do ensino humanístico de Guena, juntamente com os textos originais.

Vejamos o excerto da *Schola Aquitanica*, em que Élie Vinet descreveu o ensino de filosofia no Colégio de Guena, seguido da tradução, a fim de ilustrar o pensamento humanístico da época, quanto à filosofia:

*Philosophiae Doctores (Schola Aquitanica, 1583)*²⁸

Philosophiae praeceptores duo sunt, et ex prima classe Grammaticorum pueros exeuntes excipiunt, quo anno professionem suam auspicantur. Curriculum suum biennio conficiunt. Priore anno Dialectici seu Logici, posteriore Physici a disciplina, quam profitentur, ipsi et discipuli vocantur. Professionem suam ab Isagoge Porphyrii incipiunt. Cui Aristotelis categoriae, Περί Ἑρμηνείας, Analytica utraque, Topica, Σοφιστικοὶ Ἑλεγχοί, Physica, de Coelo, et reliqua in scholis philosophorum enarrari

²⁷ ARISTÓTELES. *Órganon: Categorias, Da Interpretação, Analíticos Anteriores, Analíticos Posteriores, Tópicos, Refutações Sofísticas*. Tradução, Textos adicionais e Notas de Edson Bini. Bauru, SP: EDIPRO, 2005.

²⁸ MASSEBIEAU, Louis. *Schola Aquitanica: programme d'études du Collège de Guyenne au XVIe siècle*. Paris: Delagrave, 1886.

solita, subjiciuntur, nihil cujusquam alterius, quam Aristotelis, præter eam, quam diximus, Porphyrii Isagogen, et Nicolai Gruchii præceptiones Dialecticas: sicui forte videtur ab iis suum stadium incipere, compendio ad Sapientiæ organum, quod antiqui vocaverunt, pulcherrimo doctissimoque, omnium, quæ nostra ætate in adolescentium philosophiæ studiosorum gratiam, sint edita.

(Os professores de filosofia são dois e recebem os meninos que saem da primeira classe de Gramática, no ano em que iniciam sua carreira. Completam seu currículo em dois anos. No primeiro ano, são chamados de Dialéticos ou Lógicos, no segundo, de Físicos, pela disciplina que professam, tanto eles quanto seus discípulos. Eles começam sua tarefa com a *Introdução à Lógica* de Porfírio. A isso são submetidas as *Categorias* de Aristóteles, a *Interpretação*, as *Analíticas*, as *Tópicas*, os *Refutações sofísticas*, a *Física*, *Sobre o Céu* e outros temas que costumam ser explicados nas escolas dos filósofos, nada além do que é de Aristóteles, exceto o que mencionamos, a *Introdução à Lógica* de Porfírio e as lições dialéticas de Nicolas de Grouchy. Assim, parece que eles começam seu estudo com o compêndio para o *Instrumento da Sabedoria*, como os antigos o chamavam, muito belo e muito instrutivo, de todos os que foram publicados para agradar aos estudiosos da filosofia na nossa época).²⁹

Note-se que o estudo da filosofia aristotélica era proposto em uma perspectiva de tendência secular, ainda que a prática religiosa fosse compulsória aos estudantes, não havia, porém, o ensino das dez categorias aristotélicas vinculadas ao pensamento tomista, como na escolástica medieval. Ainda que o aristotelismo fosse a base racional da formação filosófica dos humanistas, isso não pode ser considerado uma continuidade com o modelo de ensino dos escolásticos, pois o modelo de gramática medieval especulativa, dos modos de significar, havia sido descontinuada pelos humanistas. Todavia, o despontar de uma perspectiva secularizada do ensino de filosofia pelos humanistas foi logo inibido pelo Santo Ofício em seguida, sobretudo em contextos como Portugal, por exemplo, que legou os avanços dos humanistas aos jesuítas, que propunham uma reforma educacional na perspectiva católica, tendo proposto uma conciliação entre o humanismo e a escolástica. No Brasil do século XVI, o ensino de filosofia foi instrumentalizado pela difusão da doutrina cristã, ainda que os métodos inovadores dos humanistas tivessem sido empregados nos colégios da colônia³⁰.

O CÍRCULO INTELECTUAL DA SCHOLA AQUITANICA E O COLÉGIO DAS ARTES DE COIMBRA

Como reflexão final de nosso estudo, sobre o “*modus parisiensis*”, vamos contextualizar a chegada desse método humanístico em Portugal, elencando algumas especificidades desse processo intercultural entre os reinos da França e de Portugal no século XVI. A chegada do modo de Paris a Portugal foi marcada pela fundação do Colégio das Artes de Coimbra, em 1548, como supracitado. Essa instituição derivou da chamada política cultural do reinado de D. João III, que reinou entre 1521 e 1557, época em que foi fundado o governo-geral no Brasil e a política missionária dos jesuítas, que se iniciou oficialmente em 1549. Esses fatos históricos e sociais demonstram que a política cultural de D. João III, ao adotar, entre as suas reformas do reino, as inovações educacionais humanísticas tinha a finalidade de consolidar os seus domínios

²⁹ SANTOS, Melyssa. *Schola aquitana (1583): edição bilingue e comentários à luz da historiografia da linguística*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 107 p. 2021. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/22330>

³⁰ CERQUEIRA, L. “A Ideia de Filosofia no Brasil”. In: *Revista Filosófica de Coimbra*, n.o 39, 2011, p. 163-192.

ultramarinos, principalmente com a colonização efetiva do Brasil³¹. Dessa forma, houve um processo de implantação desse modelo de humanismo cristão para a educação de jovens humanistas no contexto lusitano, que atuariam na administração não só do reino, mas sobretudo das colônias³².

A fundação do Colégio das Artes estava vinculada diretamente à transferência da Universidade de Lisboa para a cidade de Coimbra, em 1537. D. João III convocou diversos preceptores, teólogos e humanistas europeus para a formação do corpo docente, tanto da universidade quanto do futuro colégio, pois seu intuito era uma reforma de toda a administração do reino. André de Gouveia, ao sair de Bordeaux, trouxe consigo diversos humanistas da França, tendo vindo em sua comitiva quase todos os preceptores do Colégio de Guiena para Portugal. Vejamos a descrição do latinista Carlos Tannus, que cita os principais professores que se transferiram da França para a corte lusitana:

Com André de Gouveia, falecido aliás pouco depois, em 9 de junho de 1548, vieram [para Portugal] mestres franceses e portugueses como Elias Vinet, Nicolau Grouchy, Guilherme de Guérente, Antonio Mendes de Carvalho, João da Costa, futuro principal [do Colégio das Artes de Coimbra], Jorge Buchanan e Diogo de Teive, acima referidos e, finalmente, dois que já se achavam em Portugal, Marcial de Gouveia e Mestre Eusébio, além de Arnaldo Fabrício, que proferira a oração inaugural em 21 de fevereiro de 1548, conhecida por *De liberalium artium studio*, editada em Coimbra no mesmo ano.³³

A equipe de humanistas que teriam atuado como a primeira geração do Colégio das Artes de Coimbra era bem diversificada, em uma administração que perdurou até 1555. O humanista Diogo de Teive (1514 – 1569), por exemplo, foi um dos principais preceptores de Anchieta durante a sua estadia na instituição. O registro dos ideais do humanismo cristão, de tendência secularizada, dos colégios de Santa Bárbara e de Guiena, de André de Gouveia, ficaram registrados no discurso *De liberalium artium studio oratio* (Discurso sobre o estudo das artes liberais), proferido pelo humanista francês Arnaldo Fabrício, em 1548³⁴, na inauguração do primeiro ano letivo do Colégio das Artes. O discurso é um elogio ao sistema de ensino das artes liberais reformados, pautadas pelo *trivium*, os estudos de gramática, retórica e lógica, e pelos “*studia humanitatis*” ciceronianos, característicos do pensamento do humanismo cristão erasmiano quinhentista. Os primeiros documentos do colégio conimbricense eram praticamente uma cópia da *Schola Aquitanica*, conforme se registra o *Regimento do Colégio das Artes de Coimbra*, de 1547, assim como os seus *Statuta* (Estatutos), de 1548, marcos fundadores da instituição, que foi um anexo da Universidade de Coimbra por séculos³⁵. Essa tradição foi descontinuada em 1555, mas deixou suas marcas no pensamento de Portugal, e mesmo do Brasil do século XVI, nas obras de Anchieta.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Órganon: Categorias, Da Interpretação, Analíticos Anteriores, Analíticos Posteriores, Tópicos, Refutações Sofísticas*. Tradução, Textos adicionais e Notas de Edson Bini. Bauru, SP: EDIPRO, 2005.

³¹ RAMALHO, Américo da Costa. *Para a história do humanismo em Portugal IV*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2000.

³² DIAS, José Sebastião da Silva. *A política cultural da época de D. João III*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1969.

³³ TANNUS, C. “Um olhar sobre a literatura novilatina em Portugal”: in: *Revista Calíope*, v. 16, 2007, p. 20.

³⁴ FABRÍCIO, Arnaldo et al. *Orações de sapiência: 1548-1555*. Coimbra: Imprensa da Universidade, prefácio de Sebastião Tavares Pinho, 2011.

³⁵ KALTNER, Leonardo Ferreira. *O pensamento linguístico de Anchieta e de Carl Von Martius [recurso eletrônico]: estudos historiográficos*. Ponta Grossa: Atena Editora, 2020.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. – 3ª ed. – Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

BECCARI, Alessandro Jocelito. *Tratado sobre os modos de significar ou Gramática especulativa, de Tomás de Erfurt*. Curitiba: Ed. UFPR, 2019.

CERQUEIRA, L. “A Ideia de Filosofia no Brasil”. In: *Revista Filosófica de Coimbra*, n.o 39, 2011, p. 163-192.

CÍCERO. *Em defesa do poeta Árquias*. Introdução, tradução e notas de Maria Isabel Gonçalves. 2ª ed. Lisboa: Inquérito, 1986

COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. *Uma história das ideias linguísticas*. Tradução Jacqueline Léon, Marli Quadros Leite. São Paulo: Contexto, 2017.

DESPAUTERIUS, Johannes. *Commentarii Grammatici*. Paris: Ex Officina Roberti Stephani, 1537.

DIAS, José Sebastião da Silva. *A política cultural da época de D. João III*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1969.

DIU, Isabelle. Érasme, du langage aux langues : à l'origine de la fondation des collèges trilingues. In: *Fonder les savoirs, fonder les pouvoirs, XVe-XVIIIe siècle*. Paris: Publications de l'École nationale des chartes, 2000. Disponível em: <https://books.openedition.org/enc/1191>.

FABRÍCIO, Arnaldo et al. *Orações de sapiência: 1548-1555*. Coimbra: Imprensa da Universidade, prefácio de Sebastião Tavares Pinho, 2011.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si*. São Paulo: Editora Paulinas, 2015.

KALTNER, Leonardo Ferreira. *O pensamento linguístico de Anchieta e de Carl Von Martius [recurso eletrônico]: estudos historiográficos*. Ponta Grossa: Atena Editora, 2020.

KOERNER, Konrad E. F. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Trad. Cristina Altman et al. Braga: Estúdio de Artes Gráficas, Braga, 2014.

MASSEBIEAU, Louis. *Schola Aquitanica: programme d'études du Collège de Guyenne au XVIe siècle*. Paris: Delagrave, 1886.

MIR, Gabriel Codina. *Aux source de la pédagogie des jésuites: Le “modus parisiensis”*. Roma: Institutum Historicum S. I., 1968.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. O ensino da gramática latina, grega e hebraica no Colégio das Artes de Coimbra no tempo de Anchieta. In: PINHO, Sebastião Tavares de et al. *Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra – Colégio das Artes da Universidade (1548 – 1998)*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2000. p. 385-406.

RAMALHO, Américo da Costa. *Para a história do humanismo em Portugal IV*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2000.

SANTOS, Melyssa. *Schola aquitanica (1583): edição bilingue e comentários à luz da historiografia da linguística*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em

Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 107 p. 2021. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/22330>.

SWIGGERS, Pierre. Historiografia da Linguística: princípios, perspectivas e problemas. In: BATISTA, Ronaldo et al. *Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019, p. 45-80

TANNUS, Carlos Antônio Kalil. “Um olhar sobre a literatura novilatina em Portugal”: in: *Revista Calíope*, v. 16, 2007, p. 16-31.